



**MARTÍRIO, JIHAD E UMA NOVA CHAVE DE  
LEITURA PARA O MOSAICO POLÍTICO-RELIGIOSO  
DO LÍBANO**

**MARTYRDOM, JIHAD AND A NEW READING KEY  
TO THE POLITICAL-RELIGIOUS MOSAIC OF  
LEBANON**

**Fernando Santos da Silva\***

**Rede Internacional de Pesquisa em História e Culturas no Mundo  
Contemporâneo – RIPHCC**

 <https://orcid.org/0000-0002-3825-962X>  
[fercmo@gmail.com](mailto:fercmo@gmail.com)

O Alcorão dera aos muçulmanos uma missão histórica: criar uma comunidade justa em que todos os membros, inclusive os mais fracos e vulneráveis, fossem tratados com o respeito absoluto. Isso exigiria uma luta (jihad) constante contra o egoísmo e o interesse próprio que nos mantêm isolados do divino. Assim, a política não era algo fora da espiritualidade, e sim o que os cristãos chamariam de sacramento, a arena em que os muçulmanos vivenciavam Deus e que permitia ao divino funcionar de maneira efetiva em nosso mundo.  
(ARMSTRONG, K. 2016, p. 207)

---

\* Doutor e Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Membro da Rede Internacional de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo (RIPHCC).

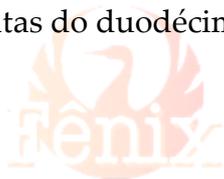
A obra **Apropriação dos conceitos de martírio e jihad pelo Hezbollah e a questão da violência como resistência** de autoria de Flávia Abud Luz possui como um eixo central a proposta de convidar o leitor para uma espécie de inversão do olhar, ou seja, uma nova forma de observar e compreender dois dos conceitos de grande relevância para a história e atuação da comunidade xiita duodecimal - o martírio e o jihad – de forma deslocada de um olhar ocidental, que principalmente na mídia internacional tende a lidar com os aspectos da religião e política no Oriente Médio de forma homogeneizante, com pouco foco no complexo mosaico da região.

A capa do livro em si já é um elemento interessante por trazer de forma gráfica a conceitualização da autora de apresentar uma inversão do olhar. Uma imagem da região do sul do Líbano, que tradicionalmente é tida como um palco central do conflito entre o Hezbollah e as tropas israelenses, aparece invertida na porção inferior da capa. Enquanto as partes média e superior da capa fazem alusão aos elementos que compõem a narrativa do grupo, tais como a ideia de defesa nacional, libertação de áreas ocupadas, e a disposição da violência para alcançar um objetivo, e convidam à reflexão sobre a complexidade existente entre religião e política.

Resultado de sua pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Ciências da Religião no Mackenzie, Flávia Abud Luz, dividiu a obra em três capítulos e segue uma sequência lógica de análise e desenvolvimento em que os conceitos martírio e jihad são apresentados a partir do seu contexto fundacional para os duodecimais: os eventos da batalha de Karbala (680 d.C.) que conduziram ao martírio do *Imam* Hussein (liderança da família do Profeta Muhammad) seguindo-se pela recuperação da atuação política recente, datada do século XX, que retirou a narrativa de Karbala de um viés exclusivamente passivo, reativo com relação aos abusos de poder político-religioso, e engajou

multidões no Iraque (Najaf), no Irã (Qom) e no Líbano em mobilizações políticas contra as percepções de desigualdade relacionadas à atuação de governos e grupos confessionais.

O estudo focado na apropriação e utilização dos conceitos de martírio e jihad por parte do Hezbollah, grupo reconhecido como partido político desde a década de 1990 no Líbano, é interessante por três aspectos principais. Inicialmente, a reconstrução do caminho de desenvolvimento político-religioso dos conceitos, demonstrando sua amplitude e possibilidades de interpretação para além dos estereótipos ocidentais que vinculam diretamente o jihad à noção de guerra santa, irracionalidade e violência, sem fazer um exame mais profundo do desenvolvimento teórico, político e religioso do referido conceito ao longo do tempo. Aqui cabe destacar o seguinte trecho em que algumas dimensões do conceito de jihad (e sua relação como martírio) na concepção dos xiitas do duodécimo são apresentados pela autora:



O jihad desenvolvido por Hussein foi desempenhado sob a égide do grande jihad, ou seja, um esforço constituído pela vontade de combater desejos e interesses que afastavam os muçulmanos e a *umma* daquela que era percebida pelo *Imam* Hussein como uma prática autêntica dos valores islâmicos, sobretudo no que diz respeito à condução religiosa e política da referida comunidade.

Outro aspecto de diferenciação entre a concepção dos xiitas do conceito de jihad diz respeito ao “alvo” do referido esforço, visto que, na batalha de Karbala, o embate deu-se entre duas facções muçulmanas, e não entre muçulmanos e não muçulmanos, como era comum na época das primeiras conquistas do Islã em regiões da Ásia, África e Europa (LUZ, 2020, p. 69)

Em um segundo momento, a análise do contexto político, religioso e social apresentada no capítulo “Apropriações dos conceitos de martírio (narrativas de Karbala) e jihad no xiismo libanês: entre a resistência islâmica e a oposição política”, auxilia na compreensão das diferentes camadas do conflito civil libanês (1975-1990) e nos desdobramentos das intervenções externas no

referido país, como as duas ações israelenses (Operação Litani em 1978 e Operação Paz para Galileia em 1982) e a influência da Síria enquanto “mediadora” do conflito civil.

Por fim, expõe a evolução do conceito junto ao movimento e posteriormente partido político ao longo de três décadas, fato que permite ao leitor compreender as alterações verificadas na ênfase e significado conferido àqueles. Luz (2020) destaca em uma periodização que sugere para o estudo da atuação do Hezbollah (entre os anos de 1978 e 2009), por exemplo, que a ênfase no pequeno jihad e no grande jihad (entre 1990-2000) deu espaço para a uma noção de jihad político. A referida esfera do jihad era representada pela atuação do partido em uma espécie de cooperação com o sistema político libanês para garantir a continuidade de suas ditas “atividades de resistência”, participar do desenvolvimento da região e ser capaz de influenciar a agenda do Estado com relação ao conflito Israel-Palestina.

O interesse da mídia internacional, com efeito àquela produzida no Ocidente, em apresentar e analisar para sua audiência movimentos, grupos e organizações que de algum modo se identificavam com os termos islã e jihad não é recente, principalmente se observarmos eventos das últimas décadas do século XX, como a Revolução Iraniana (1979) e os enfáticos discursos do Aiatolá Khomeini, a cobertura midiática acerca da região manteve uma linha editorial semelhante, como apontou Edward Said no já clássico e ainda muito atual em suas análises *Covering Islam – How the Media and the Experts Determine How We See The Rest of the World* (1997).

Said (1997) discutiu na obra supramencionada que as representações do islã, do Oriente Médio e sua população (que em si já é heterogênea) eram capitaneadas por construções mentais em que os temas o petróleo, a violência e o terrorismo apresentavam um quadro de explicação de conflitos e tensão na região e na relação dela com o mundo ocidental. Tais construções ganharam maior espaço na academia norte-americana e na mídia internacional com outros

acontecimentos, quais sejam a atuação de movimentos que se autodenominavam islâmicos, como o Talibã, a Al-Qaeda e Boko Haram, que trouxeram novamente o imaginário da violência à tona, bem como, questionamentos sobre a suposta “legitimidade teológica” das interpretações apresentadas por tais grupos, frente a necessidade de analisar as diferentes formas de interpretação das fontes sagradas do islã (Alcorão, hadith, sunnah).

É interessante mencionar que alguns pesquisadores – tais como Gilles Kepel, Oliver Roy e mais recentemente David Cook – buscaram se debruçar em explicações que dessem conta de esclarecer aspectos como a pluralidade de formas de leitura do islã, bem como, analisar as complexas relações estabelecidas entre os movimentos e grupos que se utilizavam de uma retórica religiosa extrema e assim visavam concretizar objetivos políticos e econômicos.

Uma clara contribuição da obra de Luz (2020) para o debate acadêmico, em um campo ainda limitado em nosso país, é apresentar ao leitor que tenha interesse em compreender de maneira interdisciplinar e de forma ampla alguns desdobramentos da relação entre religião e política no Oriente Médio, vinculada a uma rica discussão junto à literatura especializada, porém em português, permitindo um maior acesso aos conceitos, autores e elementos culturais dos debates que geralmente ocorrem no eixo norte-americano e europeu sob a égide de estudos voltados à segurança internacional.

## REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. **Campos de sangue: religião e a história da violência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

COOK, David. **Understanding jihad**. 2. ed. Oakland: University of California Press, 2015.

KEPEL, Gilles. **Beyond Terror and Martyrdom: the future of Middle East.** Cambridge, Massachusetts; London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2008.

LUZ, Flávia Abud. **Apropriação dos conceitos de martírio e jihad pelo Hezbollah e a violência como resistência.** Curitiba: Editora Appris, 2020.

SAID, Edward. **Covering Islam – How the Media and the experts determine how we see the rest of the world.** New York: Vintage Books, 1997.

**RECEBIDO EM: 27/07/2022**

**PARECER DADO EM: 07/08/2022**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)